



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM ENERGIA E SUSTENTABILIDADE
TECNOLOGIA EM ALIMENTOS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

MARIA DE FATIMA DE CARVALHO RIBEIRO

PRODUÇÃO, PROCESSAMENTO E COMERCIALIZAÇÃO DE
ALIMENTOS DA AGRICULTURA FAMILIAR NA COMUNIDADE
DA LADEIRA POVOADO DE MANÃ, IRARA-BA

Feira de Santana - BA
Dezembro de 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM ENERGIA E SUSTENTABILIDADE
TECNOLOGIA EM ALIMENTOS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

MARIA DE FATIMA DE CARVALHO RIBEIRO

PRODUÇÃO, PROCESSAMENTO E COMERCIALIZAÇÃO DE
ALIMENTOS DA AGRICULTURA FAMILIAR NA COMUNIDADE
DA LADEIRA POVOADO DE MANÃ, IRARA-BA

Monografia apresentada ao Curso Superior de Tecnologia em Alimentos na Educação do Campo, como requisito para a obtenção do título de Tecnólogo em Alimentos na Educação do Campo.

Orientador: Wilon Mazalla Neto

Feira de Santana - BA
Dezembro de 2022

FOLHA DE APROVAÇÃO

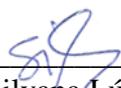
MARIA DE FATIMA DE CARVALHO RIBEIRO

Produção, processamento e comercialização de alimentos da agricultura familiar na comunidade da Ladeira Povoado de Manã, Irara-BA

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do título de Tecnóloga em Alimentos do Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Feira de Santana, 09 de dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dra. Silvana Lúcia da Silva Lima
Doutora em Geografia
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Prof^ª. Dra. Tatiana Ribeiro Velloso
Doutora em Geografia
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Prof. Dr. Wilson Mazalla Neto
Doutor em Engenharia Agrícola
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Sumário

Apresentação	7
1. Introdução.....	8
2. Metodologia.....	10
3. Caracterização do município e comunidade.....	11
4. Referencial Teórico e Analítico.....	15
4.1 Circuitos Curtos de Comercialização na perspectiva da agroecologia.....	15
4.2 Agroindústrias da Agricultura Familiar.....	19
5. Resultados.....	22
5.1 Produção e Comercialização de Alimentos na Comunidade da Fazenda Ladeira povoado de Manã	22
5.2 Grupo Produtivo: Passado e Presente.....	30
6. Considerações Finais	36
7. Referências Bibliográficas.....	37

Resumo

Atualmente a produção de alimentos em grupos produtivos e a comercialização em cadeias curtas vêm crescendo nos municípios do interior, fazendo desenvolver as comunidades rurais e melhorando a vida dos agricultores familiares. Essa realidade não é diferente na cidade de Irará-BA, no entanto a comunidade da Fazenda Ladeira no povoado do Manã ainda tem suas fragilidades no que se refere a comercialização de alimentos. Assim, o objetivo deste trabalho foi estudar as características socioeconômicas da localidade, identificando dentre elas, famílias, que apresentem comercialização significativa de alimentos voltada para a agricultura camponesa. Dessa forma, buscamos neste trabalho compreender, como funciona a produção e comercialização de alimentos nessa comunidade. A pesquisa qualitativa foi realizada na localidade através do instrumento, questionário semiestruturado, com pesquisa de cunho exploratório e qualitativo, de maneira que os entrevistados puderam discorrer sobre o assunto livremente, havendo também diálogo com integrantes do grupo produtivos para entender suas potências e vulnerabilidades em relação às suas perspectivas futuras. Dessa maneira, pudemos observar que os agricultores da Ladeira têm uma produção agrícola destinada à venda, as culturas de mandioca, feijão, milho e amendoim, passada para atravessadores, no entanto seu potencial vai além, sendo produzido ainda diversos alimentos, que são voltados para o consumo das famílias e ainda processados no grupo produtivo do local. Consideramos que há frágeis laços e hábitos de venda em canais curtos de comercialização, visto que a ausência de organização associativista para pleitear políticas públicas e cooperação favorecem o crescimento da prática dos agentes comerciais intermediários, pois há dificuldade em escoar a produção devido à ausência de transporte próprio ou coletivo.

Palavra-chave: alimentos, circuito curto de comercialização, grupo produtivo.

ABSTRACT

Currently, the production of food in productive groups and the commercialization in short chains have been taking a huge leap in the cities of the interior, developing rural communities and improving the lives of farmers, who live from family farming. This reality is no different in the city of Irará-BA, however, the community of Fazenda Ladeira in the village of Manã still has its weaknesses with regard to the sale of food. Thus, the objective of this work was to study the socioeconomic characteristics of the locality, identifying, among them, families that present significant commercialization of foodstuffs focused on peasant agriculture. In this way, we seek in this work to understand how the production and commercialization of food works in this community. The research was carried out in the locality through a semi-structured questionnaire, with an exploratory and qualitative research, so that the interviewees could discuss the subject freely, also having a dialogue with productive group members to understand their strengths and vulnerabilities in relation to their perspectives. future. In this way, we were able to observe that the farmers of Ladeira have an agricultural production destined for sale referring to cassava, beans, corn and peanuts, intermediated by middlemen, however their potential goes beyond, still producing several foods, which are intended for consumption. of the families and still processed in the local productive group. We consider that there are fragile ties and sales habits in short marketing channels, since the lack of public policies, cooperation and associations favor the growth of the practice of intermediary commercial agents, as there is difficulty in selling production due to the absence of own transport or collective.

Keyword: food, short circuit of commercialization, productive group.

Apresentação

Nessa apresentação vou falar um pouco de minha história e de como cheguei até aqui. Sou Maria de Fatima, filha e neta de agricultores, minha mãe (*in-memorian*) trabalhava com vendas de lanches em escolas de ensino básico e me levava junto com ela ainda pequenina. Sempre fui atraída por alimentos, não apenas por gostar de comida, mas por ter curiosidade de entender como a minha avó fazia aqueles alimentos tão perfeitos, que só ela sabia fazer e quando perguntavam, onde ela aprendia tantas coisas, ela apenas respondia, “via a minha mãe fazer e aprendi”, e eu escutando isso pensava, “um dia vou, descobrir como são feitas essas comidas”.

O tempo foi passando e já adolescente comecei a participar das reuniões da associação da comunidade fazenda Candeal Moura onde morava, logo surgiu a ideia de formar um grupo produtivo, o qual fiz parte por pouco tempo, no entanto o destino conspirou a meu favor, casei e nesse período minha sogra Adriana Ferreira, estava iniciando com algumas mulheres da comunidade Fazenda Ladeira a qual moro atualmente, um grupo de trabalho para escoar e agregar valor as tarefas de mandiocas que elas tinham prontas para serem colhidas, e pensei vou trabalhar nesse grupo e assim comecei, foi uma experiência maravilhosa trabalhar com esse grupo.

Entre muitas idas e vindas de produção e comercialização, entre entregas e feiras livres, tivemos uma visita de uma aluna do CETENS residente de Iará com um pessoal que nos convidou para participar de uma feirinha que iria acontecer no espaço da universidade. Nesse dia, essa e mais outra aluna também de Iará se aproximaram de mim e me disseram que tinha sido aberto um edital de processo seletivo para estudar na UFRB, e o curso é voltado para alimentos, pois para licenciatura em educação do campo, voltado para o campo com habilitação em matemática e ciências da natureza já tinha passado.

Elas disseram que, como você já trabalha nessa área poderia fazer o processo seletivo, naquele mesmo momento me veio a mente “fazer um curso de alimentos algo que eu sempre pensei acho que vou fazer, peguei o edital e comecei a estudar, pois eu só tinha tempo a noite devido ao trabalho, alguns diziam como vai passar no vestibular se nem estudar, e quando veio o resultado, olha meu nome na lista, enfim vou estudar no curso de tecnologia de alimentos.”

E nessa gama de conhecimentos relacionados a alimentos, tinha sempre uma inquietação em porque os moradores dessa comunidade não produziam alimentos para comercializar já que o ramo alimentício é algo que sempre esteve em alta, na minha

mente, eu pensava que era apenas falta de interesse da comunidade e depois de muitas conversas com professores tentando me mostrar que talvez não fosse isso, decidi estudar sobre o assunto e identificar o motivo dessa situação. Nesse sentido, iniciei uma investigação a fundo para entender como funcionava a produção e comercialização de alimentos na comunidade em que resido, essa pesquisa é então, o resultado da vivência com a universidade e a educação do campo através dos Diagnostico Rurais Participativos (DRP) e outras metodologias, que trouxe a mostra os problemas da comunidade, para que eu pudesse compreender, buscar soluções e melhorar a economia local e por conseguinte a vida dos agricultores familiares da localidade.

1. Introdução

Essa pesquisa se localiza no campo dos conjuntos agroalimentares e circuitos curtos de comercialização, que compõe as atividades de produção, processamento, distribuição e comercialização de alimentos. Nessa rede de processos produtivos, bastante integrada e conveniente, há um conjunto complexo e dinâmico de atores e redes envolvidos no sistema mundial, formando parte da essência de distribuição mundial de alimentos. O avanço dos mercados alimentares globalizados tem seguindo a liderança das grandes distribuições.

Nesse contexto, os mercados internos consolidam o segmento da grande distribuição, sustentada pelos padrões e regulamentos técnicos, que asseguram a circulação e distribuição de produtos alimentícios. Em relação à venda de alimentos, as empresas varejistas têm suplantado os canais locais de venda existentes, tornando-se assim um ponto de distribuição único, que muitas vezes deixa restrita a participação de agricultores familiares e pequenos produtores. Com isso os circuitos curtos de comercialização surgem como uma alternativa para produtores e consumidor, como forma de estabelecer relações econômicas dentro das comunidades rurais.

Atualmente a produção de alimentos da agricultura familiar no Brasil vem crescendo gradativamente, em contraposição ao modelo oligopolista do sistema agroalimentar hegemônico, que controla o tipo de produto a ser comercializado. Isso levou a alta procura da população em consumir produtos naturais e de origem conhecida/local, , nesse contexto os circuitos curto de comercialização tornam-se uma alternativa para os produtores familiares escoarem os produtos alimentícios produzidos eles.

A agricultura familiar no Brasil, possui a produção de alimentos como alternativa para gerar renda, manter tradições, valores cultivados de seus antepassados e anseios voltado para o avanço na produção e economia local sem perder a tradição. *“A produção local de alimentos tem sido debatida dentro de vários contextos, tanto na preocupação ambiental de sustentabilidade, em aspectos econômicos como geração de oportunidades para os produtores locais como alternativa à globalização, entre outras”* (FORNAZIER; BELIK, p. 205, 2013).

A produção local da agricultura familiar, tem o propósito de crescimento e desenvolvimento da economia dos moradores, que buscam no trabalho rural uma alternativa de crescimento no campo, sistematizando a sustentabilidade na valorização dos recursos naturais, e conservando o meio ambiente. Nesse contexto os circuitos curtos de comercializações vêm nos proporcionar crescimento e desenvolvimento local valorizando a origem, cultura, produção e toda uma história dos alimentos que chega às mãos dos consumidores, assim, Rover; Darolt (2021, p. 26), afirmam que *“Valorizando os mercados locais e os circuitos curtos de comercialização, respeitando a cultura dos povos e comunidades tradicionais, aproximando o rural do urbano, a cidade do campo, o agricultor do consumidor”*.

Nesse sentido, a produção e o consumo de alimentos estariam ligados à valorização do processo de desenvolvimento crescente das vias comerciais, levando em conta as culturas e tradições locais. Além disso, os conhecimentos tradicionais, culturais e espécies crioulas, valorizam o local e seus atributos sociais (Fornazier; Belik, 2021, p. 12), ainda [...*“A produção agroalimentar local pode também atuar tanto no desenvolvimento de agricultores mais necessitados, oferecendo uma oportunidade de mercado, assim como oferecer alimentos aos consumidores mais necessitados”*...].

A produção de base agroecológica na comunidade está bem afetada pela proximidade com grandes latifundiários que chegaram na localidade, e compraram as terras dos fazendeiros anteriores, passaram a fazer plantações de monocultura e aplicação de produtos químicos. No entanto, ainda existe pequenos produtores que utilizam seu pequeno pedaço de terras para plantar para o consumo diário e comercializar o excedente, sendo uma espécie de quintal produtivo. Neste arranjo a forma de produzir principal é a tradicional, sem a aplicação de agrotóxicos.

Para tanto, buscamos neste trabalho compreender como se dá a produção e comercialização de alimentos em pequenas comunidades rurais em especial a Comunidade Rural da Fazenda Ladeira Povoado de Manã Irará – BA.

Dessa forma, tivemos como objetivo estudar as características socioeconômicas da comunidade rural da Fazenda Ladeira Povoado do Manã Irará - BA, com famílias da agricultura familiar que apresentem comercialização significativa de alimentos; analisar as culturas agrícolas e alimentos processados e comercializados por essas famílias, investigando as formas e canais de comercialização utilizados por elas, e se há inserção dessas famílias em circuitos locais de comercialização, compreender os benefícios, dificuldades e fragilidades para a comercialização de alimentos, bem como o papel de um grupo produtivo “Família Dida” organizado no fortalecimento da economia, valorização da cultura local, e o desenvolvimento social da comunidade.

2. Metodologia

Esta investigação se amparou na pesquisa social, que para além das caracterizações e levantamento quantitativos, reconhece a importância da subjetividade humana na conformação de ideias, que incidem e influenciam os fenômenos a serem estudados pela Ciência. Em busca de captar a dimensão qualitativa da investigação, os objetos de pesquisa se constituem, então, de forma eminentemente histórica, localizando-se em uma realidade material em permanente transição. Logo, os determinantes do ideário humano compõem o entendimento das estruturas, entidades e instituições sociais e seu funcionamento no conjunto da sociedade (MINAYO, 1998; RICHARDSON, 1999).

Neste campo qualitativo da pesquisa científica, empregamos especificamente as entrevistas, ferramenta que buscou uma comunicação bilateral para gerar informações coerentes e verossímeis sobre a realidade social, como também as rodas de conversas, como processo formativo que propulsionou grande compreensão coletiva em diversos ângulos dos assuntos investigados.

Nessa direção, adotamos as chamadas entrevistas não estruturadas, que permitem abertura para o entrevistado aportar o que ele considera os aspectos mais relevantes de um problema alçado, suas determinações e descrições, bem como uma conversa suave abordando pontos de vistas diferentes. Mais especificamente, foram empregadas as entrevistas guiadas, que se valem de um guia de temas, no qual o pesquisador conhece os aspectos que deseja investigar, então formula pontos, perguntas simples e diretas sobre os temas a serem abordados, além de conversas onde o pesquisador lança o tema e o diálogo fluiu de forma a colher toda as informações necessária ao interesse do investigador. A intenção é que o entrevistado possa discorrer livremente sobre os

assuntos, com suas próprias palavras, entendimentos e concepções (RICHARDSON, 1999).

Esta pesquisa teve finalidade exploratória, para identificar as formas e canais de comercialização disponíveis e utilizados pelas famílias na comunidade rural da Ladeira,

Nesse sentido, buscou-se perceber indicações e tendências quanto aos aspectos, organizacionais, abrangência territorial, lógica econômica e poder decisório de agricultores e agricultoras nesses arranjos para a venda de alimentos.

A pesquisa foi guiada com estudo teórico nas investigações sobre a caracterização da comunidade e agroindústria a partir de grupos produtivos, seus aspectos socioprodutivos e de comercialização e a formação acerca dos sistemas agroalimentares e circuitos curtos de comercialização e as mudanças que o grupo produtivo trouxe para a vida das pessoas que participaram dele no seu início, e o que pode propulsionar no momento atual, de forma a compor um retrato geral e a caracterização inicial destes arranjos comerciais..

Inicialmente, foi realizado um encontro com a comunidade e grupo produtivo, no sentido de buscar contato inicial com lideranças locais e pessoas mais velhas da comunidade para apresentar a proposta de pesquisa, obter dados gerais sobre as características sociais e produtivas da comunidade e apresentar ao grupo a ideia da pesquisa, posteriormente foi formulado o questionário para as entrevistas, escolha e definição de famílias a participar da pesquisa. Paralelamente foi realizado a pesquisa para levantamento de dados referente ao início e formulação do grupo produtivo e roda de conversa sobre os benefícios e desafios do grupo no momento atual, articulação entre os dados colhidos junto às manifestações e elaborações das famílias entrevistadas com o referencial teórico, buscando sínteses explicativas para agricultura familiar na temática dos circuitos de comercialização bem como, a agroindústria e o grupo produtivo.

3. Caracterização do município e comunidade

O município de Irará está localizado no estado da Bahia no território Portal do Sertão, com uma população de 27.466 pessoas (2010), com estimativa de 29.305 para 2021 (IBGE; 2010). Destacamos que 40,93% de sua população encontra-se na zona urbana e 59,09% na zona rural.

O município de Irara, ou a ‘vila da purificação’ como era chamado no início, quando seus primeiros habitantes eram os índios Paiaias, naquele período, os índios eram vistos pela população local como indesejáveis e deveriam ser expulsos de seu local de

origem para melhor aproveitamento das potencialidades local, com isso, teve como seguimento a ocupação por padres jesuítas, que chegaram às redondezas do município de Irará, com o intuito de catequizar os povos indígenas da localidade. Encontraram, assim uma aldeia e construíram uma igreja, qual teve como padroeiro São João Batista, onde hoje se localiza a cidade de Água Fria. Em 1717, Diogo Alves Campos e Antônio Homem da Fonseca Correia receberam “doação de sesmarias” (ato político nos séculos XIV), que eram terras doadas como forma de incentivar a produção agrícola no local e realizar o povoamento do país. Com isso, Antônio Homem da Fonseca Correia construiu nessas terras uma capela dedicada à Nossa Senhora da Purificação e deu de presente a seu filho que era padre. O templo foi erguido próximo da casa da fazenda, a qual ficava perto da estrada que ligava o porto de cachoeira ao sertão baiano. Assim, em volta da capela de Nossa Senhora da Purificação, cresceu o arraial que se tornaria vila de Purificação dos Campos, onde hoje encontra-se o oratório a Nossa Senhora da Purificação, na praça com nome da santa. (IBGE, 2010)

O município atualmente possui uma área de aproximadamente 267,880km² quilômetros quadrados (IBGE, 2010). Seu potencial agroclimático tem grau ótimo, para as culturas como coco, banana, fumo, mandioca, abacaxi, milho, feijão e amendoim e sua vegetação é mata atlântica e a caatinga. Sendo banhada pelos rios Seco e Parnamirim, Irará faz fronteira ao norte com o município de Ouriçangas; ao sul, Santanópolis; a leste Água Fria; a oeste, Coração de Maria. Nesse contexto “em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído de 2 distrito, sendo Irara e Bento. (IBGE 2022), e uma quantia de 101 comunidades rurais. (PMI 2022)

Uma parte significativa da renda do município vem do programa social do governo (Auxílio Brasil), programa de transferência de renda destinada a famílias em situação de vulnerabilidades e pobreza. No entanto, a agropecuária na criação de animais de pequeno porte e agricultura familiar são a principal atividade econômica da região, o que deixa claro que na verdade a renda da comunidade não é apenas advinda dos rendimentos monetários como auxílios e aposentadorias, mas, também do rendimento monetário e não-monetário da agropecuária, que passa por tudo aquilo que é produzido, coletado ou recebido em bens, como troca, doação, porcentagens em trabalhos coletivos, o que implica em o rendimento não-monetário ser significativo nas famílias da comunidade.

O clima predominante no município de Irará varia de semiúmido a semiárido, suas chuvas vão de abril a junho e de setembro a dezembro. As condições edafoclimáticas

são favoráveis ao cultivo de culturas anuais e perenes, destacando-se o cultivo da mandioca, milho, feijão, hortaliças e fruteiras, no âmbito da pecuária, destaca-se a criação de pequenos animais: aves caipiras, ovinos e suínos.

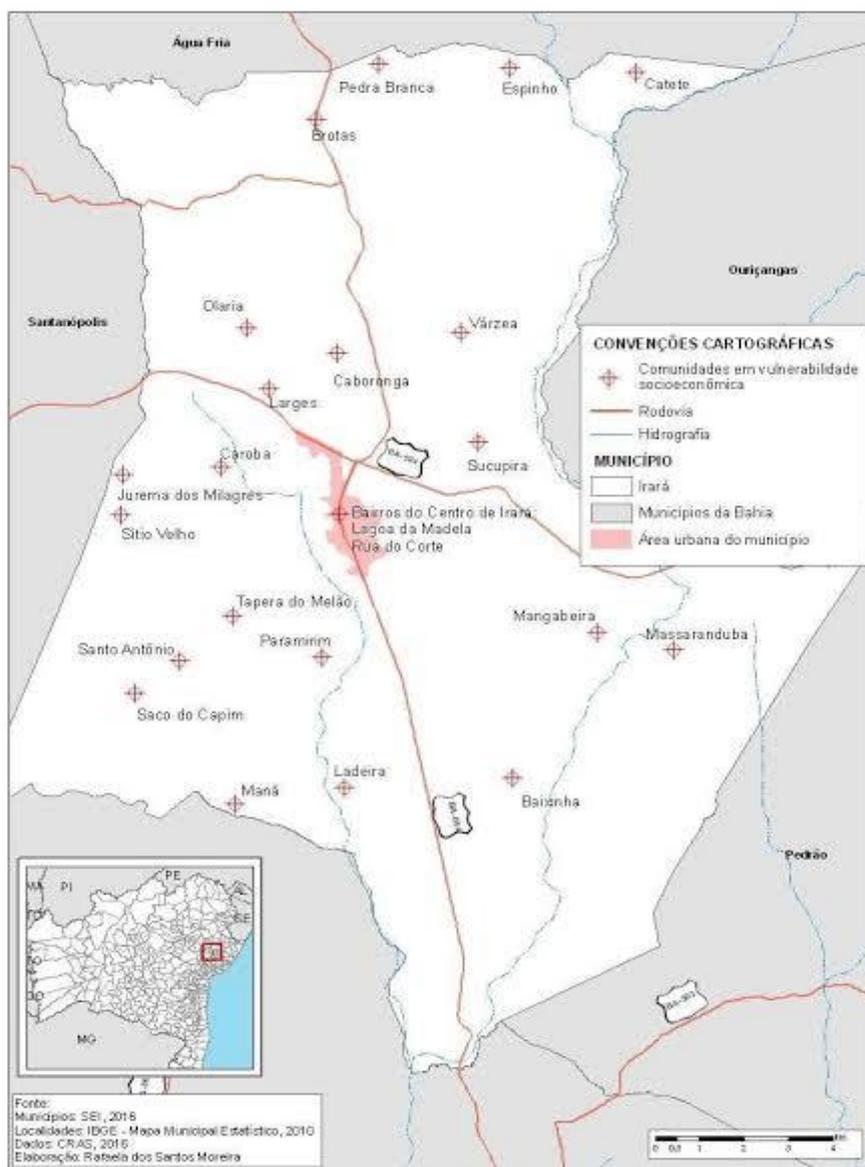
A economia local tem como base a agropecuária, e a agricultura familiar desempenha um papel importante no território, através das agroindústrias que se destacam como grupos produtivos, em sua maioria com o fabrico dos derivados da mandioca (beiju, biscoito de goma, aipim, etc.). A venda da produção desses grupos é impulsionada através do Programa Nacional de Alimentação Escola (PNAE), que mobiliza parte a população Iraerense através da Cooperativa dos Produtores rurais da região de Irará (COOPRIL), essa que teve seu fundamento através da chamada de ater que reuniu pessoas em organização para criação desse cooperativismo, onde os sócios fazem a comercialização dos produtos e também através das feiras livres existentes no município. Além da agropecuária, encontram-se os setores de comércio, serviços e indústria que compõem também a economia da cidade.

Segundo Alcantara (p. 03, 2019). “*A existência dos camponeses em Irará esteve relacionada ao processo histórico de formação do território.*” É o que permite a continuidade da luta e a preservação do modo de vida camponês, expresso por meio da agricultura tradicional nas diversas manifestações do saber que, trazido pelos primários e mantidos por seus descendentes, garantiram a existente em seu espaço e fala para defender suas culturas e tradições.

O município de Irara é caracterizado como um espaço pouco diversificado em relação as culturas e lavouras locais, a agricultura familiar no município está concentrada nas pequenas propriedades e na cultura de subsistência. Logo, fica claro que a agricultura familiar é a base da economia das comunidades Iraerense, entre elas a localidade do Manã, que em relatos de antigos moradores é uma comunidade que está relacionada ao processo histórico de formação do território. Marcado pela questão agrária, com diferentes formas de acesso à terra: posseiros, parceiros, arrendatários e ocupantes, esses se configuraram em volta de três fazendeiros, sendo eles: Manoel Martins Ferreira da silva, Cristiano Cerqueira, Jose Nogueira e Camilo Francelino, que eram os donos das terras no início da comunidade. Isso mostra que a estrutura fundiária do município bem concentrada, onde encontram-se propriedades muito grandes ao lado de propriedades bem pequenas, onde existe pessoas muitas pessoas trabalhando nas pequenas propriedades produzindo alimentos em uma agricultura de subsistência.

A comunidade do Manã está localizada ao sul do município de Irará e fica no centro das comunidades: Candeal Moura, Paramirim, Ladeira, Malhadinha e Mangueira. Sua distância para a sede é de aproximadamente 10 km (30 min.), tem terras banhadas pelo rio Paramirim, possuindo aproximadamente 134 famílias de pequenos agricultores, sendo uma média de 4 pessoas por família, segundo dados do agente de saúde local

Mapa – Localização da comunidade Ladeira.



Na comunidade, as lavouras predominantes são (feijão, milho e mandioca) no âmbito das frutíferas como (laranja, limão, manga, caju, cajá, mamão entre outras), encontramos hortaliças em pequenas quantidades, sendo que só são comercializados alguns alimentos como feijão, milho e a farinha de mandioca, raramente algumas laranjas são compradas por atravessadores. O feijão e o milho produzidos são comercializados na

comunidade através de atravessadores, que vem comprar para revender em cidades vizinhas, essas cidades fica entre 20 a 40 km da cidade de Irara, a farinha em sua maioria é comprada nas casas de farinha por um produtor da comunidade que produz e também compra dos vizinhos para vender.

4. Referencial Teórico e Analítico

4.1 Circuitos Curtos de Comercialização na Perspectiva da Agroecologia

A Agroecologia e os circuitos curto de comercialização estão intimamente ligados, através dos alimentos, quais têm sido impactados fortemente pelo avanço da agricultura industrial, que beneficiou os grandes latifundiários, que usufruíam do sistema de transporte e distribuição. Verificamos, então, uma ampliação da a escala e as distâncias percorridas pelos alimentos nos últimos anos. Portanto, resultado deste processo atualmente, os ganhos com a produção para a venda em cadeias curtas tradicionais não são tão expressivos como na indústria devido a dificuldade de competição comercial (FORNAZIER; BELIK, 2013).

Esse sistema de transporte e distribuição seria positivo, inicialmente, devido à ampliação do acesso a diversos produtos produzidos em vários lugares do mundo, aumentando o acesso da população à uma alimentação em quantidade. Porém observou-se uma outra consequência: *“O avanço dos mercados globalizados fragilizou inúmeras produções alimentares locais; distanciou produtores de consumidores ampliando as cadeias de distribuição”*, (Rover; Darolt, p. 19, 2021). Os movimentos relatados pelos autores coincidem como a desvalorização da diversidade de alimentos existentes nas culturas locais, bem como a insegurança alimentar gerada entre os povos.

Portanto, os processos, que compõe as atividades de produção, processamento, distribuição e comercialização de alimentos, têm se mostrado cada vez mais globalizados, conformando um conjunto complexo e dinâmico de atores e redes em todo o planeta. Nesse contexto, o grande varejo de comercialização de alimentos tem sobrepujado os canais locais existentes, estabelecendo centrais próprias de distribuição.

Os avanços indústrias do sistema agroalimentar geraram insegurança, também, entre os consumidores, por exemplo, o Brasil se tornou desde 2008 o maior consumidor mundial de agrotóxicos, causando problemas alimentares e afetando a economia. *“Ademais, somam-se a esse cenário histórico, a crise econômica e sanitária atual*

protagonizada pela Covid-19, que estimulou reflexões sobre uma alimentação saudável e de proximidade” (ROVER; DAROLT, p. 21, 2021).

Este conjunto de fatores somados, intensificaram a insegurança gerada entre os consumidores e levou a uma virada de qualidade, que, trata-se de um movimento que se deslocaria de convenções de qualidade do “mundo industrial”, altamente padronizadas e com produção e mercadorias em escala, para o “mundo doméstico”, *com convenções de qualidade definidas por relações de confiança, valorização da tradição[...] (Rover; Darolt, p. 21, 2021).* O mundo, assim, passou por uma transformação de hábitos e valores, que gera mudanças significativas de qualidade nas vidas dos consumidores, os quais tem uma preocupação a respeito da sociedade e da qualidade da alimentação.

Com base nessa virada epistemológica na alimentação, a agricultura familiar no Brasil tem a oportunidade de produzir alimentos como alternativa para gerar renda, manter suas tradições e valores trazidos dos seus antepassados, porém com anseios voltados para o avanço na produção e economia local sem perder a tradição. *“A produção local de alimentos tem sido debatida dentro de vários contextos, tanto na preocupação ambiental de sustentabilidade, em aspectos econômicos como geração de oportunidades para os produtores locais como alternativa à globalização, entre outras” (FORNAZIER; BELIK, p. 205, 2013).*

Com isso, organizações em redes foram criadas através de consumidores organizados em busca da garantia de que alimentos de qualidade seriam disponibilizados e valorizados através de novas estratégias de distribuição. *“Entendemos que desse movimento emerge a organização de diversas formas de circuitos curtos de comercialização, especialmente aqueles ligados a sistemas de produção agroecológicos/orgânicos, os quais classificamos como inovações sociais...” (Rover; Darolt, p. 21, 2021).* Segundo o autor os sistemas agroalimentares têm o desafio de proporcionar inovações no abastecimento dos produtos alimentícios e com foco em padrões diferenciados, ocupando os espaços deixados pelo sistema convencional. (ROVER; DAROLT, 2021)

Os circuitos curtos de comercialização de alimentos são uma alternativa de escoamento dos produtos de base agroecológica, produzidos pela agricultura familiar, proporcionando desenvolvimento na economia dos agricultores, e entender que a agricultura familiar gera muito mais trabalho que dinheiro, no entanto a renda não-monetárias angariada nas produções, doação e troca traz um retorno maior que não plantar nada. A união e cooperação entre produtores e consumidores, busca uma aliança com

propósito de reduzir e eliminar os agentes de intermediação entre os dois elos. Rover; Darolt, (p. 22, 2021). Assim, podemos ressaltar que circuitos curtos de comercialização, *“São aqui entendidos, na maioria das vezes, como inovações sociais que se organizam visando diversos interesses, como a resistência a formas dominantes de gestão dos sistemas agroalimentares, busca de acesso e segurança alimentar e nutricional”*. (ROVER; DAROLT, p. 27, 2021).

As redes agroalimentares trazem inovações no campo alimentar com valorização camponesa, criando uma maior interação entre produtores e consumidores.

Inter cooperação entre redes de comercialização de produtos orgânicos e agroecológicos; reconexão entre produção e consumo, com maior autonomia e preços justos para produtores e consumidores; dinamização de mercados locais com identidade territorial; revalorização da circulação de produtos de qualidade diferenciada, como é o caso de produtos da agroecologia e produção orgânica; foco em produtos saudáveis e segurança alimentar; resgate de valores, tradição, solidariedade e transparência com consumidores e produtores; segurança na inserção de agricultores familiares nos mercados; valorização da imagem dos agricultores e do meio rural; além de maior protagonismo dos consumidores (ROVER; DAROLT, p. 22, 2021)

Observando o cenário em relação ao aumento das vendas nos circuitos curto de comercialização, considera-se que é um grande desafio das redes agroalimentares buscar estratégias para uma maior interação e protagonismo de todos os atores envolvidos no sistema alimentar. No entanto, aproximar consumidores e produtores não é o bastante, necessita-se envolver toda uma rede, com atores do sistema agroalimentar de cada território. (FORNAZIER; BELIK, p. 206, 2013).

Por outro lado, as dificuldades relacionadas à comercialização não são realidade nova para a agricultura familiar e já vêm sendo identificadas e discutidas nas últimas décadas, segundo Belik e Cunha (2015), há uma fragilização deste setor, tanto na participação de vendas em centrais de abastecimento (Ceasas), devido à intermediação comercial, quanto na penetração em redes supermercadistas. Essas determinações estão vinculadas, também, às particularidades organizativas, técnicas e de escala da agricultura familiar.

Assim, para a agricultura familiar abranger o mercado atualmente e é essencial que o governo apoie a categoria por meios das cadeias curtas de distribuição. *“Nessa visão ampliada, os governos teriam um papel catalizador, facilitador e acelerador por meio de políticas públicas e legislações que permitissem impulsionar a agricultura familiar, a agroecologia e os circuitos curtos”*. (ROVER, DAROLT, 2021p. 25).

Nesse sentido, a produção e o consumo de alimentos estariam ligados à valorização do processo de desenvolvimento crescente das vias comerciais, levando em conta as culturas e tradições locais. Além disso, os conhecimentos tradicionais, culturais e espécies crioulas, valorizam o local e seus atributos sociais Fornazier; Belik, (2021), ainda segundo fornazier; belik, (2021, p. 215) *“A produção agroalimentar local pode também atuar tanto no desenvolvimento de agricultores mais necessitados, oferecendo uma oportunidade de mercado, assim como oferecer alimentos aos consumidores mais necessitados”*.

Com isso, a produção local da agricultura familiar, com proposta de crescimento e desenvolvimento da economia dos agricultores, que buscam no trabalho rural uma alternativa de crescimento no campo, sistematizando a sustentabilidade na valorização dos recursos naturais, e conservando o meio ambiente. Nesse contexto, é importante ressaltar que se busca, *“gêneros alimentícios básicos, respeitando-se as referências nutricionais, os hábitos alimentares, a cultura e a tradição alimentar da localidade, pautando-se na sustentabilidade e diversificação agrícola da região, na alimentação saudável e adequada”*. (FORNAZIER; BELIK, p. 216, 2013).

A produção de alimentos da agricultura familiar para a comercialização em cadeias curtas, qual é uma ideia social desenvolvida em cooperação entre produtores e consumidores, em um sistema agroalimentar *“Os estudos de sistemas agroalimentares locais têm crescido dentro de uma perspectiva de uma maior valorização do espaço, considerando alguns fatores na produção como as distâncias entre produção e consumo”* [...]. (FORNAZIER; BELIK, 2013, p. 206,)

Os circuitos curtos de comercializações nos proporcionam saber a origem, cultura, produção e toda uma história dos alimentos que chegam às mãos dos consumidores, nesse contexto, Rover; Darolt, (2021; p. 26), afirmam que *“Valorizando os mercados locais e os circuitos curtos de comercialização, respeitando a cultura dos povos e comunidades tradicionais, aproximando o rural do urbano, a cidade do campo, o agricultor do consumidor”*, o qual se aplica de duas formas, venda direta e venda indireta. “Venda direta” ocorre quando o produtor tem relação direta com o consumidor e a “venda indireta”, na qual geralmente existe apenas um intermediário normalmente engajado no processo, denotando uma interdependência e inter-relação entre os atores. Rover; Darolt, (2021, p. 28). Os circuitos curtos de comercialização podem se dar entre produtores e consumidores, com a intervenção de um intermediário que geralmente está engajado no processo, e em redes que uni vários circuitos de comercialização. *“Cabe*

dizer que há muitos agricultores e organizações que também combinam circuitos curtos com aqueles com mais de um intermediário, que não necessariamente poderiam ser considerados como longos, pois às vezes estão entre produtores e consumidores uma cooperativa ou uma feira”. (ROVER; DAROLT, 2021, p. 29,).

Os circuitos curtos de comercialização com base na Agroecologia têm como fundamento as tecnologias sociais, que geralmente são desenvolvidas pela agricultura familiar, produzindo alimentos de qualidades. Assim, construindo cadeias transparentes em que os produtos cheguem ao consumidor com um valor agregado de informações.

Um dos pilares de sustentação desta categoria é a mão de obra familiar, que já possui uma carga de trabalho intensa e é cada vez mais exigida a desempenhar novas competências (produção, transformação e comercialização) ou cooperar com outros agricultores para apresentar bem o produto, agregar valor, organizar uma logística eficiente, entregar o produto com qualidade, frescor e rapidez. (ROVER; DAROLT, 2021, p. 30,).

No contexto atual, nos parece que a agricultura familiar necessita da interferência governamental nos espaços curtos de comercialização, para que possa competir com os supermercados e sustentar seu escoamento de produção de forma digna. Essa ação pode permitir também a estabilidade dos preços e alimentos de boa qualidade, pois nos supermercados, muitos produtos são acrescidos de conservantes para manter em bom estado de conservação, devido ao período que foi colhido e a distância até o destino de venda.

Neste sentido, estudamos neste trabalho, em que medida a comunidade da Ladeira dialoga com os circuitos de comercialização de alimentos, pois a comunidade apresenta uma característica significativa de venda local de seus produtos agrícolas. Assim, investigamos os canais locais de comercialização, buscando verificar em que medida eles se aproximam do conceito dos circuitos curtos de comercialização.

4.2 Agroindústrias da Agricultura Familiar

Em adição aos circuitos curtos de comercialização, a agroindustrialização tem se colocado no âmbito nacional como uma alternativa relevante de geração de renda e agregação de valor para setores da agricultura familiar com pouco terra e área produtiva.

O processo de crescimento e fortalecimento da economia de comunidades rurais perpassa por grandes dificuldades, porém pode encontrar forças e alicerce em iniciativas

baseadas e protagonizadas pela própria comunidade, através de organizações decididas em coletivos de agricultores, no que diz respeito a agregação de valor, realização de intermediações, geração de renda, oportunidades de trabalho nas comunidades rurais e propulsão melhoria das condições de vida das famílias inclusas no processo, Prezzoto, (2016). Assim, as agroindústrias nascidas da ação dos pequenos agricultores, possuem histórias de valorização e permanência de costumes e tradições, que caracteriza o território em que está situada, abrangendo ideias, costumes, crenças, formas tradicionais, sustentabilidade, arte e valorização da polarização cultural do território.

valorização e incorporação dos atributos culturais nos produtos ligados aos costumes, hábitos de consumo, aos conhecimentos e tecnologias tradicionais e ao saber-fazer de cada local, na perspectiva da valorização da diversidade alimentar e do multiculturalismo dos povos do campo. Incorpora a diversidade dos produtos com seus sabores específicos, que “enriquecem” a mesa dos consumidos e contribuem para a segurança alimentar das populações (PREZZOTO, 2016, p. 13,).

Segundo Pazinato, (2021), a agroindústria de pequeno porte é uma boa oportunidade de geração de renda aos produtores rurais, pois ao transformar produtos *in natura*, em processados, permite a agregação de valor e a diversificação da produção. É pensando desse modo que o crescimento de agroindústrias de pequeno porte ganha viabilidades em comunidades rurais, visando grupos específicos de pessoas como mulheres e jovens, que possam angariar recursos e permanecer em seu local de origem.

Nesse sentido, as agroindústrias desenvolvidas por grupos produtivos necessitam de diversas dimensões, como, avaliação econômica dos envolvidos, localização da agroindústria e o social como melhoria na qualidade de vida e interação na sociedade políticas públicas como base para o escoamento da produção. Assim, a implantação de agroindústrias em comunidades é uma alternativa econômica para a permanência dos agricultores familiares no meio rural (PREZZOTO, 2016).

A inserção desses conhecimentos em relação a implantação das agroindústrias, cada vez mais comum, são reconhecidas como importante componente na união do campo com o meio urbano, dessa forma a produção rural *in natura*, passa pelo processamento e agregação de valor propulsando um potencial de mercado, comercialização desses produtos e aumento nos rendimentos dos agricultores envolvidos (WIVES E KÜHN, 2018). Assim “Ao mesmo tempo, vem ocorrendo uma procura crescente dos consumidores por produtos de origem da agricultura familiar, saudáveis, ecológicos e que valorizem as culturas e tradições”. (PREZZOTO, 2016, p. 09,), assim “o desafio, portanto, do pequeno estabelecimento agroindustrial rural é buscar se posicionar em

nichos de mercado, nos quais são valorizadas...]” (WIVES, KÜHN, 2018, p. 10.). Nesse contexto, agregando valor ao produto, o agricultor conseguirá um retorno financeiro, fortalecendo a estrutura de reprodução e processamento e de natureza social e promoção do desenvolvimento local.

A agroindústria familiar é fundamental para manter os pequenos agricultores ativos e com esperança de buscar qualidade de vida, melhor renda e visibilidade no mercado. Todo esse processo ganha mais força ainda, quando é promovido pelas políticas públicas que atendem essa demanda e garantem resultados efetivos para a agricultura familiar. Resultado disso é a melhor promoção do desenvolvimento rural impactando na vida das pessoas que fazem e das pessoas que consomem os produtos das agroindústrias familiares. (WIVES; KÜHN, 2018, p. 35.).

A agregação de valor à produção agrícola por meio de grupos produtivos da agricultura familiar amplia a renda das famílias, e propulsiona a aproximação dos produtores e consumidores da oferta de produtos de qualidade, preços acessíveis e justos, sem a necessidade de intervenções intermediárias para a realização da comercialização da produção. Assim, a agroindústria se coloca como uma alternativa para eliminar a intermediação comercial, [*... atravessadores são comerciantes sem um ponto de venda fixo, atuando como intermediários nas cadeias produtivas, entre o produtor e outro comerciante.*] (UENO, NEVES, QUEIROGA, 2016, p.10.). Ou seja, a organização da comunidade pode eliminar os atravessadores, esta pessoa que compra produtos dos agricultores no valor abaixo do preço e revende para o comércio varejista, e assim possibilitar um ganho maior, pois o agricultor pode comercializar seus produtos diretamente ao consumidor final, por um preço de venda maior.

Analisando o cenário em questão, identificamos que esses agricultores ainda sofrem com a falta de apoio, pois ainda necessitam de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento das estruturas agroindustriais, que visam o crescimento de atividades rurais em grupos produtivos. Geralmente formados por mulheres e jovens, os grupos procuram inserir-se em atividades econômicas que gere renda, sem afastar-se de suas casas, logo “*As políticas públicas voltadas para as agroindústrias familiares são essenciais para evitar o êxodo rural, valorizando a agricultura familiar e proporcionando alternativas de renda, com o conhecimento empírico*”(WIVES; KÜHN, 2018, p.35.).

Nesse contexto afirma, (Prezoto, 2016.) “a implantação de agroindústrias é uma das alternativas econômicas para a permanência dos agricultores e agricultoras familiares

no meio rural...]” porém que possa garantir uma estabilidade extra na vida financeira desses protagonistas.

[...Oportuniza a inclusão social, promovendo a participação e a equidade especialmente de segmentos menos privilegiados como, por exemplo, as mulheres, os(as) idosos(as) e os(as) jovens. Possibilita a aquisição de valores relativos à venda de um produto mais acabado e, em geral, pronto para o consumo. (PREZOTO, 2016, P. 10,).

Para tanto a estruturação do projeto é de suma importância, no desenvolvimento ou reestruturação de agroindústrias a base de grupos produtivos, essa necessita planejar estratégias que são fundamentais no esclarecimento dos produtos e o bom fortalecimento do empreendimento, bem como aumento da renda e melhoria na vida dos agricultores inseridos no contexto.

5. Resultados

5.1 Produção e Comercialização de Alimentos na Comunidade da Fazenda Ladeira povoado de Manã

A pesquisa realizada na comunidade rural da Fazenda Ladeira povoado do Manã Iará-BA, contou com a participação de 9 agricultoras e 1 agricultor familiar. Para obter informações referentes à produção, processamento e comercialização significativas dos alimentos voltados para agricultura familiar local, essa investigação contou com um público de diferentes idades, ficando entre de 17 a 75 anos. Apenas uma das pessoas que participou dessa pesquisa nasceu em outra cidade, e quando ainda era criança mudou-se para a fazenda Ladeira, porém por volta dos 18 anos transferiu-se para o Rio de Janeiro onde permaneceu por 18 anos, retornando para a comunidade há 7 anos, e os demais nunca saíram do seu local de origem.

Os camponeses entrevistados são famílias razoavelmente pequenas com poucos membros ficando entre 2 e 5 habitantes que dependem do patrimônio do patriarca, já que, em geral, seus filhos constroem suas casas nas terras dos seus pais e criam suas próprias famílias no mesmo pedaço de terra que divide para todos da família.

Dessa forma, em um total de 10 participantes na pesquisa voltada para a comercialização, processamento e produção de alimentos da agricultura familiar, todos relataram de forma afirmativa que a planta predominantemente na comunidade é constituída variedades de culturas como aipim, mandioca (*Manihot esculenta*), milho (*Zea mays*) e

feijão (*Phaseolus vulgaris*). No entanto, existem pequenas propriedades que produzem para o consumo doméstico plantas diversas como couve, abóbora, laranja, mamão, banana, mostarda, maxixe, amendoim e batata-doce entre outros.

Para tanto, é relevante destacar que a diversidade produtiva da agricultura familiar na comunidade é bastante ampla, devido ao seu foco na comercialização, está pesquisa deu maior atenção, àqueles alimentos com maior significância para venda. No entanto, encontramos algumas famílias que cultivam hortaliças, sendo o caso da Entrevistada de nº01 que diz cultivar em sua propriedade.

“Eu planto aqui em minha propriedade aipim em pequena quantidade, pois meu terreno é pouco prefiro plantar minhas hortaliças como: couve, coentro, alface, jiló, quiabo, maxixe, e mandioca, planto na casa do tio do meu esposo que tem várias terras e no lote de uma parente que tomamos conta plantamos feijão de corda” (ENTREVISTADA Nº 01).

Vimos ainda, durante a pesquisa, que a produção de alimentos na localidade perpassa por um processo histórico bem presente em nosso território, no qual os camponeses sofrem com a falta de acesso que vem de uma questão histórica onde muitos tem pouco e poucos tem muitos, afetando a produção de alimentos, necessitando ser meeiros ou arrendatários para produzir com a pouco que tem. Neste contexto as famílias priorizam a produção de alimentos para o consumo diário e comercializam o excedente, exceto a farinha de mandioca, que tem finalidade de comercialização principalmente.

Ainda se nota que dos produtos identificados pelos entrevistados, tanto os mais produzidos, quanto os menos produzidos, geralmente são cultivados para o consumo diário da família. Quando analisamos o excedente produtivo para venda, observamos que são mandioca, feijão e milho, como apontam os entrevistados. Quanto ao consumo familiar, encontram-se abóbora, hortaliças em algumas propriedades, batata-doce mamão, laranja, limão, banana, mostarda, maxixe e amendoim.

Na comunidade ainda observamos culturas tradicionais que se estendem de geração a geração, destacando-se entre elas a prática de ajuda mútua e cooperação entre vizinhos e familiares, sendo que das famílias investigadas, 5 dessas utilizam desse costume tradicional identificado como troca e doação de produtos.

Faço doação para alguns parentes que mora nas cidades pois tenho de sobra e não irá me faltar se eu der para quem precisa, pois para quem mora na cidade comprar esses produtos fica muito mais difícil que pra mim que moro na zona rural”. (ENTREVISTADA N 03)

Dentre os 10 entrevistados apenas 2 pessoas produzem alimentos processados, sendo que 01 dessas pessoas produz por ser integrante do grupo produtivo local “Família

Dida”, criado na luta de Adriana Ferreira, uma mulher negra de classe media baixa que com muita luta e resistência marcou seu lugar na história da agricultura familiar da comunidade, esse grupo beneficia derivados da mandioca, no processamento de bolachinhas de goma de vários sabores, beijus de goma, bolos tradicionais de aipim, carimã e tapioca e o pé de moleque (bolo de carimã na palha), e a outra por possui limitações), assim afirma ela:

Encontrei nos derivados da mandioca uma maneira de garantir uma renda extra, que vem ajudar no alimento da família, a acompanhado de hortaliças já que meu companheiro tem habilidades com a produção de hortaliças, além de ter limitações nas colunas e não poder fazer determinados esforços”. (ENTREVISTADA N° 01)

Os demais entrevistados processam apenas a farinha de mandioca com a finalidade de venda, no entanto sempre reservam uma parte dessa produção para o consumo da família, os outros produtos como milho, feijão e amendoim são cultivados para o consumo, sendo comercializado apenas o excedente *in-natura*.

No geral, a comunidade tem uma cultura de vender a produção na própria propriedade ou nas casas de farinhas da vizinhança. Consequentemente as casas de farinha da comunidade já possuem um comprador (atravessador) específico, que passa para recolher uma vez por semana a produção local. Porém, este intermediário comercial, nem sempre transporta todo o produto fabricado, caso o mesmo exceda a meta prevista, assim, o restante fica para a próxima semana, e os agricultores que aguardavam a venda para suprir outras necessidades acabam desiludidos, esperando para a venda na semana seguinte.

Em relação aos demais alimentos, verificamos alguns atravessadores que passam na comunidade para fazer a compra dos produtos, no entanto, esses apenas aparecem na época da colheita que geralmente é de ano em ano. Assim, essa comercialização é realizada *in natura*, para esses atravessadores que já realizam essas compra ano após ano, colocando-se como um “intermediário comercial”. Dessa maneira, cada agricultor tem a certeza de venda antes mesmo de realizar a plantação, o que gera um nível de segurança desejável para a agricultura. Como podemos observar em relatos da entrevistada de n° 06

“vendo meus produtos em casa pelo fato de não ter transporte para levá-los até a feira livre de Iará, ficamos sem saber o que fazer porque tem vez que os compradores não levam toda quantidade, diz que está cheio não dá pra pegar toda a produção, assim ou a gente espera para a compra da próxima semana ou temos que pagar carro da linha para ir fazer a comercialização na sede da cidade”. (ENTREVISTADA N 06)

É relevante ressaltar que a comunidade rural da Ladeira possui um potencial imenso para a produção de diversos itens alimentícios da agricultura familiar, apesar disso a baixa renda agrícola atual gerada da agricultura deixa os camponeses desmotivados, há indignação observada na vida dos agricultores, o fato de vender a produção para atravessadores torna-se uma “escolha” dentre as possibilidades que se possui no momento. Não necessariamente está é a melhor de alternativa e sim a que lhes dá a condição de escoar a produção sem gerar gastos excessivo com o deslocamento.

Para compreender a complexidade do tema, é necessário observar as condições do transporte público local. A utilização pelos agricultores de carros de linha faz o seguinte trajeto, passando na estrada principal da comunidade por volta das 6:00 horas da manhã, transportando o agricultor de sua residência até a feira livre da cidade e retornando as 11:00 horas da manhã, o que se torna cedo para sair da feira que encerra as 15:00 horas. Esse serviço custa em média \$ 20,00 por pessoa e \$ 10,00 por mercadoria.

Observamos ainda, que para alguns agricultores, esses atravessadores chegam a ser considerados “anjos da guarda”, que estão apenas tentando garantir o sustento dos familiares, já para outros são considerados aproveitadores que usam da boa vontade e falta de recurso das pessoas em transportar suas mercadorias.

Observamos, sobretudo, a fragilidade das pessoas em comercializar sem o cooperativismo e associativismo local, uma vez que um grupo organizado possui muito, mais força que a individualidade, vimos muito bem essa situação em um evento que aconteceu na comunidade, uma feira da agricultura familiar organizada pelas próprias famílias da comunidade devido a mobilização dos discente e grupo produtivo em querer organizar a associação. Em parceria com alunos da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), através do projeto de intervenção, realizamos um trabalho de base com mobilização de porta em porta para conseguir ganhar a confiança dos moradores, que encontravam-se desmotivados com o associativismo na comunidade, onde a cooperação foi a força dessa realização e gerou inquietações de alguns moradores que presenciaram o quanto é viável ver os produtos serem valorizados sem que haja intermediação de atravessadores para isso acontecer.

Ainda dentro desta complexidade de relações e percepções das transações comerciais, adiciona-se que todos os entrevistados declararam que a comercialização de alimentos não é sua principal renda. Essa baixa condição de sustentação econômica do campo vem, assim, favorecendo o êxodo rural de jovens na comunidade, em busca de

melhoria de sua renda e de seus familiares, pois a quantidade de recurso que possuem é inviável para garantir o sustento e permanência dos filhos no campo.

O êxodo rural causa o problema populacional nas cidades, é consequência da saída do campo, havendo a necessidade de pessoas idosas compor a população rural. O que trouxe graves problemas para a sucessão da propriedade rural, no entanto a análise sobre essa problemática mostrou que a saída dos jovens do meio rural para as grandes cidades, estão, se relaciona a busca por melhores condições de vida, emprego e renda, educação e lazer.

“A juventude da comunidade já foram todos embora, por não haver trabalho que possa garantir a boa vivencia deles na roça, e o que nos pais ganha não é suficiente para todos” (ENTREVISTADA Nº 07)

Ainda para a maioria das pessoas da comunidade, escoar a produção quando essa é cultivada em sistema de meeiros não há impedimentos, porém o rendimento não compensa os dias trabalhos, bem como, não se obtém o lucro da plantação, por esse motivo muitos preferem vender sua diária ao invés de plantar sem previsão de retorno viável.

A minha produção é escoada na propriedade por ser plantada em sistema de meeiro não tenho terras o suficiente para fazer plantações, daí opto por planta com pessoas da comunidade que tem quantidades de terras maiores e oferecem para plantarmos e já tem o comprador antes mesmo de colheita dos produtos”. (ENTREVISTADA DE Nº 06)

Vimos também, que a entrevistada de nº 1 utiliza outra estratégia, ela busca revender seus produtos na comunidade em circuito curto de comercialização, oferecendo a seus clientes de porta em porta á a entrevistada de nº 04, que trabalha no grupo produtivo “Família Dida” de derivados da mandioca, vende seus produtos em feiras livres e para o programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Verificamos que, para maioria dos camponeses, a pessoa que compra nas mãos dos produtores para revender são considerados boas, segundo os relatos, elas estariam em busca de um sustento para sua família e ainda ajuda os agricultores familiares da comunidade, nesse sentido a entrevistada nº 01 relata

A venda é feita para o atravessador, porque acho uma pessoa que batalha, em busca de sobreviver desse mesmo produto porque quem compra tem que tirar o que gastou na compra realizada”, (ENTREVISTADA Nº 01)

Essa não é apenas o pensamento da entrevistada de nº 01, pois a entrevistada de nº 05 pensa da mesma maneira.

São ótimas pessoas compra e paga certinho não havendo nada que reclama, pois recebemos nosso dinheiro na hora e sem precisar de gasta com transporte na ida até a cidade”.(ENTREVISTADA Nº 05)

No entanto, a entrevistada de nº 04 possui um pensamento diferente dos demais, em relação atravessador tido com um intermediário de venda, que na verdade aproveita da inocência das pessoas.

Essa pessoa é um aproveitador que faz as compras com preços muito baixos e ganha em cima dos pessoa que não tem a possibilidade de ir fazer sua própria comercialização” (ENTREVISTADA Nº 04)

Em virtude do exposto, observamos que existe divergências entre os pensamentos dos agricultores no que diz respeito ao atravessador, existem visões distintas sobre seu papel na comunidade.

Verificamos, também, que parte das pessoas entrevistadas menciona não ter interesse em possui uma barraca na feira livre de Irara, alguns por não ter mais idade, outros por não ter incentivos de um coletivo ou políticas que favoreça tal prática. Ainda algumas famílias relatam não possuir interesse em ter uma barracar por não ter vocação para essa atividade.

Por outro lado, 04 desses agricultores afirmam ter bastante interesse em apresentar sua produção em uma barraca, pois em geral, os atravessadores não compram alimentos além de farinha, feijão, milho e amendoim. Com isso os alimentos produzidos para o consumo são de uma riqueza e observamos que a família não dá conta de consumir, assim o excedente as vezes precisa ser doado ou servir de alimentação para os animais da propriedade, afirmando a Entrevistada de nº 08.

No meu quintal planto várias coisas para meu consumo e de minha família, porém não damos conta de tudo e oferecemos aos nossos vizinhos para comprar e eles respondem que não gosta daquele produto para não compra em minha mão, mas preferem compra no centro de abastecimento em Feira de Santana, desse modo utilizamos esse excedente como alimentação dos meus animais por não ter um espaço para escoar este tipo de alimento”. (ENTREVISTADA DE Nº 08)

Além disso, também existe 01 pessoa entrevistada que já possui barraca e relata que ama vender na feira de Irará, apesar da idade declara querer vender muitos anos ainda. Sendo o caso também da interrogada de nº 01 que descreve ter conseguido uma barraca, porém não pode ir por conta da limitação que possui, e afirma que, suas limitações de saúde lhe deixaram impossibilitada de manter sua barraca na feira da cidade.

É importante salientar que a pesquisa se localiza no campo do processamento e comercialização de alimentos em cadeias curtas de comercialização. Nesse sentido buscamos investigar com se dá o processo de coletividade entre os agricultores da comunidade, assim nos dados coletados, notamos que 9 dos entrevistados citam não participar de grupo produtivo por diferentes razões, sendo que a entrevistada de n° 01 diz que tem receio de não dar conta do trabalho por motivos referentes à saúde. Já as agricultoras de n° 02, 03 e 10 dizem não ter interesse, e que já foram até convidadas, mas nunca quiseram, entretanto, a entrevistada de n° 05 expõem que já passou da idade de ter esse tipo de compromisso. Assim as entrevistadas de n° 06, 07e 08 relatam ter interesse em grupo produtivo, porém, seria um grupo para a produção de diversos lanches, chegando ao alcance de abrir uma lanchonete, não no enfoque que o atual grupo comunitário tem que é processar produtos derivados da mandioca.

Apesar disso, o empenho devido à dificuldade de acessar políticas públicas devido a ausência de uma organização que possa beneficiar e alimentos em uma escala de produção viável que venham a impulsionar os agricultores em se unirem entre si na formação de grupos de produção ainda é insuficiente, pois não é fácil para ninguém, com tão pouco investir, esse pouco sem a confiança de retorno positivamente.

A interrogada de n° 09 descreve que se fosse um pouco mais nova iria montar um grupo para abrir uma floricultura pois é o sonho dela, porém sabe que não dá mais conta do trabalho. Ela ainda relata que o êxodo rural de jovens da comunidade é uma situação preocupante para o campo, pois esses jovens não tem uma formação voltada para a educação camponesa, a qual ensine o cooperativismo e associativismo ativo proporcionam o desenvolvimento social, econômico e na conservação dos costumes e culturas locais, por meio da sustentabilidade com distribuição de alimentos em cadeias curtas de comercialização de alimentos da agricultura familiar na comunidade.

Nesse contexto, em suma, todos os entrevistados narram ser uma ótima ideia beneficiar alimentos com a finalidade de aumentar a renda, no entanto apesar de já terem participados de cursos para a produção diversos tipos de alimentos, enxergam muita dificuldade em estruturar uma proposta desta natureza. Vender essa produção requer estratégias coletivas lincadas a políticas, que favoreçam o crescimento da agricultura familiar por meio do cooperativismo e associativismo, para tanto a ausência do poder público na comunidade deixa os camponeses sem a esperança de viver no campo e para o campo.

Tenho medo de fazer e gastar o pouco que tem e não vender, fico pensando será que tem pessoa que vai querer compra em minha mão, se sabem fazer também o mesmo produto que eu sei” (ENTREVISTADA DE Nº 08)

E essa insegurança afeta bastante a vida dos agricultores que pensam em produzir alimentos processados para garantir uma renda extra no fim do mês, e isto pode ser observado no período pandêmico o qual ainda enfrentamos.

É relevante salientar que a pandemia deixou lições de vida importantes para os participantes dessa pesquisa, pois eles relatam que situação do país piorou muito nesse período e que a comunidade urbana sofreu bastante com essa fase pandêmica. Como afirmam os 10 entrevistados

” Na pandemia a situação dos pais pior devido ao aumento dos produtos, parada dos transportes, fechamento das feiras livre e isso afetou muito, põem um pouco, mas nas vidas das pessoas da cidade, pois o da zona rural tinha uma disponibilidade maior de alimentos saldáveis e disponível em sua propriedade podendo ser consumido na substituição de outros alimentos que necessitava de ser comprado”. (ENTREVISTADOS)

Nesse mesmo contexto, para as pessoas que saem de suas propriedades nas zonas rurais para morrerem nas grandes cidades, em busca de uma melhoria, acabam por migrar de lugar em lugar, passar necessidades quando se deparam com situações como essa da pandemia a qual trouxe um vasto conjunto de informações tanto para o crescimento individual de cada um, quanto para lição moral da comunidade, ligado ao sofrimento e aprendizagem. Assim a entrevistada de nº 08 reafirma o que já havia dito anteriormente.

”eu por sempre morar na zona rural e utilizar pouco dos recursos urbanos, só sentir o efeito da pandemia quando ir ao médico ou ao mercado e minha filha não ir à escola porque em relação a alimentação para mim não mudou em nada, pois já consumo tudo da minha propriedade, o que compro fora é muito pouco e pode ser substituído por algo que tenho em meu quintal. (ENTREVISTADA DE Nº 08)

Concluimos, assim, que nas dificuldades encontradas para o escoamento da produção por meio de cadeias curtas, faz-se necessário um apoio mais robusto da associação local, a qual encontra-se em processo de legalização, e da COOPRIL em fazer mobilizações de trazer esses agricultores para associa-se nessa entidade e assim fortalecer produção e comercialização local. O apoio público para o desenvolvimento e estratégias que possam transformar a cultura que existe na comunidade em vender para atravessadores é, da mesma forma, muito relevante. Buscando assim, uma liberdade comercial dos produtos alimentícios, valorizando a agricultura, eliminando

atravessadores e libertando a comunidade do atraso comercial e cultural o qual essa se encontra.

5.2 Grupo Produtivo: Passado e Presente

Nos estudos referentes ao grupo produtivo foi necessário a realização de entrevistas, aplicando questionário à 03 mulheres que fizeram parte da construção desse coletivo desde sua origem, as quais, hoje têm idade entre 39, 53 e 63 anos. Residentes dessa comunidade, duas delas não são filhas da comunidade, vieram morar na localidade, uma devido ao casamento de sua mãe com um rapaz morador do local. A outra entrevistada nascida e criada em Coração de Maria cidade vizinha a Iará, conta que veio para a Fazenda Ladeira porque sempre morou sem o pai, pois ele tinha problemas de saúde e vivia desaparecido e ela não o conhecia, porém quando fez 17 anos decidiu procurá-lo e descobriu que ele havia fugido do hospital e escondido nas matas da comunidade denominada Mata da Ladeira e em seguida mudou para a comunidade Fazenda Ladeira povoado do Manã. Com o tempo ele comprou algumas terras na comunidade e logo em seguida ficou doente e a vizinhança saiu à procura de parentes para cuidá-lo, é nesse momento que a entrevistada Adriana Ferreira muda para a localidade e passa a morar e viver das coisas cultivadas nas terras do seu pai. Já a entrevistada 01 nasceu e criou-se na comunidade, porém recentemente decidiu passar uma temporada em uma cidade grande.

Segundo as entrevistadas, o grupo produtivo teve seu início no ano de 2009, porém uma delas já realizava trabalhos ligados à agricultura familiar desde os anos de 1986 e 1987, mas como complemento da renda da família, assim a entrevistada 02 diz:

Depois de muitas reuniões com grupos da comissão ecumênica dos direitos da terra (CEDITER) pensei em participar de um grupo para poder aumentar a produção, a gente pode entregar na merenda escolar e aí com o crescimento de pedidos a gente teve que aumentar a produção, então surgiu a oportunidade de procurar mais pessoas pra trabalhar e as minhas vizinhas disseram vamos fazer um grupo para trabalhar. (ENTREVISTADA nº 02)

Nesse mesmo contexto, seguem as entrevistadas Joana e Filipa as quais afirmam ter sido devido às reuniões que estavam participando e ainda na perspectiva de aproveitar a matéria prima disponível na região e aumentar a renda da família. *“Vou levar a renda da*

família para frente a agricultura familiar porque a gente tem na roça". (Entrevistada Joana). Assim as três entrevistadas declararam que a ideia de criação do grupo partiu da entrevistada Maria, líder do grupo, *"Foi através de uma reunião que a gente foi na sede da cidade de Iará"* (ENTREVISTADAS nº 02, 03).

Dessa forma, a decisão de criar um grupo segundo as entrevistadas, foi através da líder do grupo para utilizar os recursos disponíveis na comunidade, aumentar a produção e conseguir fazer as entregas das demandas, que estavam surgindo no momento e consequentemente ajudar no desenvolvimento da renda das mulheres vizinhas

A criação de um grupo faz com que a proposta de produzir mil quilo juntas poderíamos produzir até dez mil, essa era minha expectativa, (ENTREVISTADA nº02)

A entrevistada de Joana diz, que,

Decidimos criar um grupo para poder vender e aproveitar os produtos que tinha e não sabia o que fazer com goma que tirava, aipim perdendo na roça e outras coisas. (ENTREVISTADA nº 03)

Já a entrevistada Filipa conta que a criação do grupo foi algo que veio para ajudá-las na renda da família:

Nós achamos uma oportunidade de aumentar nossa renda pois o que tínhamos era muito pouco e com esse coletivo poderia nos ajudar nesse sentido. (ENTREVISTADA nº 01)

As entrevistadas relataram que o grupo teve início com um número de 9 integrantes, onde era 1 homem e 8 mulheres, que se uniram para desenvolver atividades na produção de derivados da mandioca com o objetivo de complementar a renda da família. Esses participantes começaram suas atividades com a produção de beiju de coco, farinha de tapioca, beiju molhado com leite de coco, beiju com coco e leite condensado, beiju tradicional, mas o carro chefe no momento era a bolachinha de goma, a qual se estende até os dias de hoje.

Nesse início o grupo trabalhava em parceria com a Cooperativa do Produtores Rurais de Iará (COOPRIL), que havia ganhado uma licitação para entregar produtos da agricultura familiar na merenda escolar pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar

(PNAE), contava ainda com vendas em feiras livres e entrega em pequenos mercados, no entanto as entrevistadas 01, 03 afirmam que:

Os mercados que fazíamos venda naquela época era buscado pela líder do grupo Adriana, pois ela já fazia esse processo quando trabalhava individualmente, assim era, mas viável para ela negociar com esses mercados já existentes e ir em busca de novos. (ENTREVISTADAS nº 01)

Nesse primeiro momento o grupo trabalhava para suprir as demandas do PNAE e na produção organizavam-se da seguinte forma, a busca de mercado ficava com a líder do grupo e um ajudante, a formulação da massa da bolachinha, compra da matéria-prima e entrega dos produtos prontos ficava sob responsabilidade do único homem que participava do grupo, e os demais afazeres eram realizados pelo restante do grupo sem uma separação de tarefas muito clara e nem controle de tempo que cada integrante trabalhava.

Pensando nesse tempo de trabalho veio a questão: como fazer a divisão dos ganhos? “Vamos fazer assim, faremos uma reunião com todos e somamos as contas dos gastos com a matéria-prima, retiramos para pagar o empréstimo e dividimos o restante entre nós” (Entrevistadas 01, 02, 03). Nesse período essa estratégia foi a solução, pois as participantes não possuíam habilidades em todas as etapas do processamento, porém estavam todos em um coletivo e acharam que deveria repartir tudo por igual.

A ideia de fazer tudo junto foi para que todos dominasse as tarefas para dividi-las posteriormente, exceto a preparação da massa da bolachinha que ninguém tinha interesse em aprender, por medo de fazer errado e perder o produto, mas, mesmo assim dividíamos todo por igual. (ENTREVISTADA 01)

No entanto isso acontecia por não ter uma sequência das etapas do processamento devidamente documentada e com acesso aos demais participantes do grupo, dessa forma vieram várias dificuldades, uma delas foi a interação e convivência entre os membros, a entrevistada 01 fala sobre algo que marcou muito para ela,

No início a maior dificuldade pra mim foi quando tinha que comprar a matéria-prima e nós do grupo não tinha o dinheiro para contribuir e (entrevistada Maria) que dava um jeitinho de comprar para fazer o produto. (ENTREVISTADA nº 01)

Ela e as demais entrevistadas ainda afirmam que apesar das dificuldades, a criação desse grupo trouxe oportunidades e superações em suas vidas naquele momento:

Foi uma oportunidade de melhorar a renda da minha família, pois o bolsa família era muito pouco e essa proposta foi muito importante para nós (ENTREVISTADA n° 03)

Para a entrevistada 01 a oportunidade e a superação vieram juntas, pois, ela relata que ajudou muito em seu desenvolvimento pessoal

A oportunidade para mim quando eu trabalhei no grupo, é que eu estava sem transporte e consegui comprar uma motinha para eu usar através do grupo, isso foi uma oportunidade e uma superação e eu não tenho do que reclamar, apenas dizer que foi muito bom fazer parte desse grupo. (ENTREVISTADA n° 01)

Já a entrevistada 02 líder e idealizadora do grupo, diz que encontrou inúmeras dificuldades, mas que a oportunidade de participar de um grupo produtivo com essa equipe foi uma experiência maravilhosa, onde conseguiram incontáveis benefícios e superações, ela ainda afirma que:

Eu sempre trabalhei sozinha e me sentia muito feliz com meu trabalho, porém com o grupo me realizei, pois tudo que fazemos juntos tem uma recompensa diferente e maravilhosa, com esse grupo pode desenvolver minha vida financeiramente e mentalmente também, eu antes trabalhava em feiras livres, levando meus produtos em carros de linha e as vezes trazia o restante na cabeça andando quase 20km e pois do grupo tive a oportunidade de compra uma moto, construir minha casa que era meu sonho, e isso tudo devo ao meus companheiros de grupo que acreditaram na minha ideia e tivemos nossas recompensas cada um do seu jeito mas só tenho a agradecer a todos que acreditaram na ideia naquele momento. (ENTREVISTADA n° 02)

Para as entrevistadas, participar de um grupo produtivo trouxe impacto na renda e na vida, pois tiveram oportunidades de crescimento e mudanças que antes do grupo não tinham, pois as chances eram poucas, tudo que conseguiam já tinha destino certo, já o que entrava das atividades do grupo era um extra na renda de cada uma delas. Assim elas ainda relatam que depois que realizavam a conta e reparte do que sobrava (no reparte somavam todo o gasto da matéria prima para a produção e depois repartia o que sobrava entre todos do grupo igualmente), não era muito, mas já levantava a autoestima dos participantes, isso é reafirmado na fala de entrevistada 02.

Participar desse trouxe um impacto muito bom na renda e na vida, pois passei 20 anos sonhado em construir minha casa e foi depois que eu estava trabalhando em grupo que pode ver meu sonho tomar forma aos poucos, e isso eu só agradeço aos meus companheiros que com a união de coletividade me deu a chance de fazer um sonho virar realidade,

assim com os demais fizeram outras coisas não tinham vontade de fazer e não tinha chance naquele momento. (ENTREVISTADA nº 02)

Dando continuidade na investigação do grupo produtivo, realizamos uma roda de conversa com os 04 componentes que estão atuantes no coletivo atualmente, que serão identificados aqui com integrantes 01, 02, 03 ,04., Nesse contexto observou-se na conversa aspectos relacionados com os ganhos que esses participantes tiveram com a participação no grupo produtivo, vantagens ou consequências, bem como os desafios para que o mesmo possa continuar a existindo, fortalecendo e trazendo renda para a vidas dos seus integrantes.

Nesse contexto, a construção e desenvolvimento do grupo produtivo trouxe aos seus membros interação e aprendizagens em várias áreas do conhecimento, além de agregar valor aos seus produtos, garantia de renda extra e liberdade de expressão, como cita a integrante de nº 01.

A criação do grupo produtivo naquele momento veio como um refúgio e suporte, pois passava por um período de grande produção de mandioca, no entanto só utilizava para a produção de farinha que no período estava com preço muito baixo e ainda necessitava de uma quantidade de pessoas maior pra dar conta da produção, porém sem uma recompensa gratificante no final. Atrelado a isso veio liberdade de expressão que antes do coletivo eu ficava submissa as vontades dos outros, sem poder expressar meus próprios sentimentos. (INTEGRANTE nº 01)

Demais participantes ainda relatam que os benefícios trazidos com a organização em grupo, vai além de melhoria na renda da família, pois a formação teórica em diálogo com o campo, lhes trouxe aprendizado importantes para o aperfeiçoamento das atividades realizadas no grupo, como também, reconhecido pessoal conhecimento de pessoas de outros coletivo, desenvolvimento social e agregação de valor aos produtos da agricultura familiar e consequentemente a garantia de renda extra nas famílias envolvidas, como relata a integrante de nº 03.

Quando eu cheguei aqui a 7 anos atrás, depois de passar 18 anos foram da comunidade, encontrei esse grupo funcionando e foi que me ajudou a me manter aqui, porque não tinha trabalho e dois filhos pequenos para criar apenas coma pensão de um desses, então a renda extra que conseguir com o trabalho no grupo me ajudou a construir minha casa, cuidar de meus filhos e compara uma moto, pois posso afirmar que o trabalho coletivo no grupo foi parte importante no meu

desenvolvimento como pessoa e na minha permanência de volta na comunidade. (INTEGRANTE nº 03)

No entanto, o grupo produtivo (Família Dida), que tantos benefícios propulsionou para os membros, hoje encontra-se com a possibilidade do não funcionamento, por fragilidade na questão dos participantes, por motivos de dificuldades de trabalho em grupo, ou vontade de morar fora da comunidade, ou até mesmo por questões ligar ao horário de funcionamento da agroindústrias, tem se colocados como razões para participantes irem se afastando e o grupo perdendo sua força, atualmente quase não aceitamos encomendas, por não ter mão-de-obra para realizar a produção.

O grupo funcionou por um bom tempo com uma boa harmonia, no entanto com o passar do tempo as pessoas começaram a achar que estava tendo esperteza por parte da liderança, não conseguia compreender que a compra da matéria-prima era realizada por uma das integrantes e que depois do recebimento, a conta deveria retirar o que foi gasto e depois dividir o restante, porém que colocou o dinheiro para a compra da matéria-prima iria receber este valor mais o que foi dividido entre todos do grupo referente ao restante (no caso sobra), e essa não compreensão levou a fragilidade do grupo e o afastamento de alguns integrantes. (INTEGRANTE nº 01)

Avaliando as falas do integrante de nº 01, referente ao término do grupo, refletimos como podemos continuar fortalecendo essa iniciativa social que deu frutos, desenvolveu a vida e impulsionou as mulheres envolvidas nesse coletivo a se empoderar perante a sociedade.

Foi citado na roda de conversa que, para resgatar pessoas para integra-se ao grupo, será necessário construir formação coletiva em torno de ideias coletivas como: mostrar a força que existe em quando se trabalha com união, os benefícios que essa união traz para cada participante e oficinas sobre gestão de um grupo associado, Como afirma os 04 integrantes presentes na roda de conversa.

A comunidade em geral necessita de informação, como funciona o associativismo e cooperativismo, isso é cultural precisamos mudar essa história a comunidade precisa saber a força que nas mulheres temos quando nos unimos em prol de um só objetivo. (INTEGRANTE nº 01, 02, 03)

Em vista dos argumentos apresentados pelos atuais participantes, verificamos que o grupo produtivo perpassa por duas diretrizes, os benefícios que o mesmo deixou ao longo dessa caminhada e os desafios que permanecem gritantes, dificultando seu fortalecimento e possibilidade de continuar trazendo ganhos e realizando sonhos na vida

das pessoas que passa por esse cooperativismo. Entretanto os benefícios ainda superam as dificuldades, pois, apesar dos obstáculos enfrentados na convivência diária, possibilitando afastamentos de alguns deles, o grupo encontra-se em vantagens visto que possui contrato com o Programa nacional de Alimentação escolar (PNAE), entregas semanais em mercadinhos próximos a comunidade, vagas para participar em feiras livres da região, vendas diretas sem sair da agroindústria, trazendo possibilidade de crescimento da renda das famílias participantes desse coletivo, desenvolvendo uma política de solidariedade entre as pessoas, pois ser solidário é estarem juntos e manter a ajuda mútua, bem como se identificar com o sofrimento do outro.

6. Considerações Finais

A execução desta monografia proporcionou compreender melhor porque os moradores da Comunidade da Ladeira enfrentam dificuldades com a comercialização de seus produtos, apesar de ter um vasto potencial para a produção de alimentos, como mandioca, feijão, milho, amendoim, hortaliças e outros. Em grande parte, a comunidade ainda sofre com a comercialização devido a ausência de um instrumental logístico próprio e a dependência de intermediários comerciais que se tornam naturalizados. No entanto uma alternativa relevante que pode amenizar a cultura de venda para atravessadores, manter a tradição e costumes trazidos dos antepassados, seria a organização solidária na produção e venda dos produtos produzidos pelos agricultores dessa localidade.

Conseqüentemente este trabalho foi realizado em estudo sobre os canais curtos de comercialização dos produtos voltados para agricultura familiar, bem como a reestruturação da agroindústria, de pequenos produtores familiares que tem um potencial enorme de crescimento e fortalecimento da economia local.

As análises pertinentes sobre produção, processamento e comercialização, iniciaram-se com estudos bibliográficos, aplicação de questionário, entrevista e bate-papo sobre as cadeias curtas e grupos produtivos, no processo de compreender os motivos pelo qual os agricultores enfrentam dificuldades para seu desenvolvimento e crescimento, utilizando dos recursos naturais existentes nas suas propriedades.

As análises realizadas, transmitiram uma fragilidade, no que tange a ausência de organização associativista - para a interação dos associados, como forma de união em torno de um objetivo em comum - no sentido do fortalecimento da produção e comercialização de alimentos da agricultura local. Assim, a ausência do cooperativismo e associativismo tornou-se robusto na fragilidade que a comunidade possui sobre

comercializar produtos, com maior valor agregado e direto para o consumidor final, o que se soma à necessidade de políticas públicas, que possam dar suporte para esses agricultores, no escoamento de sua produção sem que haja, então, a interferência de agentes comerciais.

No contexto dos circuitos curtos de comercialização, as agroindústrias que, geralmente são nascidas de iniciativas sociais, partilha de ideias de pequenos agricultores, como forma de agregar valor aos produtos, têm grande potencialidade de elevar a economia e favorecer o associativismo e cooperativismo sem perder a essência cultural e costumes da localidade.

O grupo produtivo Dona Dida demonstrou vários benefícios para os participantes, que caminharam nessa iniciativa social por muito tempo, tanto econômicos quanto sociais. Há também os benefícios e desafios que a agroindústria possui ainda no momento atual, e as potencialidades que se tem em alavancar a agroindústria, expandir a renda e melhorar a vida de seus participantes.

É possível compreender, por fim, que a agroindústria familiar é fundamental na permanência dos camponeses ativos e com esperança de qualidade de vida, renda e comercialização viável. Porém, esse é um processo que precisa do impulsionamento de políticas públicas que viabilizem essa frente produtiva e deem ênfase ao fortalecimento da agricultura familiar na comunidade rural da Ladeira no Povoado de Manã.

7. Referências Bibliográficas

ALCNTARA, A. S.; PERTILE, N. **Feira livre e reprodução camponesa no município de Irará/BA**, confins, 39, 2019

BELIK, W.; CUNHA, A. R. A. A. **Abastecimento no Brasil: o desafio de alimentar as cidades e promover o Desenvolvimento Rural**. In: GRISA, C.; SCHNEIDER, S. (Org.). Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015. p. 217-235.

DAROLT, M. R.; ROVER, O.J. **Circuitos curtos de comercialização, agroecologia e inovação social**. Florianópolis, SC: Estúdio Semprelo, 2021.

FORNAZIER, A; BELIK, W. **Produção e consumo local de alimentos: novas abordagens e perspectivas para as políticas públicas**. Campinas, SP; 2013

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo brasileiro 2010**. Irará: IBGE 2021. Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/irara/panorama>,

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/irara/historico>

MINAYO, Maria Cecília de S. (Org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 9a Edição. Petrópolis: Ed.Vozes, 1998.

PREZZOTO, L, L. **Agroindústria da agricultura familiar regularização e acesso ao mercado**, Brasília 1º Ed. 2016, p. 09-20.

PAZINATO, B, C. **Agroindústria de Pequeno Porte e Legislação**, Campinas, 2021. P.02-12. Disponível em:

https://www.cati.sp.gov.br/portal/themes/unify/arquivos/produtos-e_servicos/acervo-tecnico/administracao_rural/Arquivos/agroindustria_pequeno_porte_legisla%C3%A7%C3%A3o_CDRS.pdf. Acesso em 15/11/2022

RICHARDSON, Roberto Jerry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3a ed. São Paulo: Atlas. 1999.

Ueno, V, A; Neves, M, C; Queiroga, J, L; Filho, L, O, R; Oliveira, L, P.**Estratégias de Comercialização da Agricultura Familiar: Estudos de caso em assentamentos rurais do estado de São Paulo**, São Paulo, 2016, p. 09-10. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/156785/1/2016AA50.pdf> acesso em 15/11/2022

Wives, D, G; Kuh, D, D. (org) **Gestão e planejamento de agroindústrias familiares**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Ed. UFRGS 1º, 2018.